



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 8, Nº 3, 2023, P. 124-139
ISSN: 2448-2390

A fenomenologia como questão em Maurice Blondel

Phenomenology as issue on Maurice Blondel

DOI: 10.20873/rpv8n3-91

Emerson Araújo de Medeiros

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5121-4074>

E-mail: emerson.ufpi@gmail.com

Gustavo Silvano Batista

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9399-2541>

E-mail: gustavo.silvano@ufpi.edu.com

Resumo

O presente artigo pretende discutir a apropriação que Maurice Blondel faz da fenomenologia na esfera da ciência da ação. Ao lidar com todas as coisas como fenômenos, Blondel reivindica um sentido próprio, adequado ao seu caminho filosófico que, no lidar imanente com as coisas, percebe um remetimento ao sentido transcendente e, em última instância, ao Ser. Desta forma, pensar uma fenomenologia significa lidar com as questões de sentido como um todo, tendo em vista um arcabouço transcendente. É neste argumento que se estrutura a ação, tomada como uma hermenêutica dos fenômenos.

Palavras-chave:

Ciência. Ação. Fenômeno. Prática. Hermenêutica.

Abstract

This article intends to discuss Maurice Blondel's appropriation of phenomenology in the sphere of the science of action. By dealing with all things as phenomena, Blondel claims his meaning adequate to his philosophical path, which, in dealing immanently with things, perceives a reference to transcendent meaning and, ultimately, to Being. In this way, thinking about phenomenology means dealing with questions of meaning with a transcendent framework in mind. In this argument, the action is structured and taken as a hermeneutics of the phenomena.

Key-words:

Science. Action. Phenomenon. Practice. Hermeneutics.

O método fenomenológico apresentado por Maurice Blondel em *L'Action* (1893) apresenta um itinerário claro: partindo-se da constatação acerca da importância e validade do mundo imanente, passa-se ao mundo real, percebendo-se, na própria cadeia dos fenômenos, a necessidade de abrir-se ao transcendente. Trata-se de um caminho – e por isso, método - no qual os fenômenos conduzem uma investigação que conduz para além dos mesmos. Tal processo descrito por Blondel encontra na história da filosofia aproximações e distanciamentos. Uma das aproximações possíveis seria com a fenomenologia de Edmund Husserl, que viu neste método uma saída para repensar o próprio processo de acesso ao conhecimento. Como nos lembra Paul Gilbert (2004, p. 15):

O método fenomenológico, criado por Husserl no começo do século XX, com a finalidade bem kantiana de fundar as ciências na necessidade racional e não na psicologia empírica, põe em evidência a essência dos fenômenos, descobrindo o que os constitui como tais, isto é, as condições de possibilidade de seu aparecer fenomenal perante a consciência.

Contudo, mesmo vislumbrando o fenômeno como um elemento essencial para um pensamento vital, ao contrário de Husserl, Blondel não está em afinidade com o projeto kantiano no lidar com os fenômenos¹. Mas, antes, busca compreendê-los como elementos que remetem para além deles, ou seja, para uma conjuntura mais ampla compreendida como transcendente que, ao mesmo tempo, não se limita aos limites da consciência humana, tal como percebemos no sistema filosófico kantiano. Deste modo, ao buscar discutir neste texto o sentido da fenomenologia em Blondel, buscamos recuperar a via alternativa de entendimento dos fenômenos, no horizonte da práxis da vida, que se encaminha para uma ontologia dos fenômenos que, ao mesmo tempo, não se confunde com a via fenomenológica.

¹ Segundo Gilbert (2022, p. 75): Husserl (1859-1938) e Blondel (1861-1949) viveram os mesmos eventos trágicos da Europa e passaram por transformações culturais semelhantes, embora separados por fronteiras políticas e inimigas. Eles estão entre os melhores testemunhos de uma reflexão filosófica que está tentando escapar do positivismo de sua época, e da nossa também. Sua atenção à "intenção" determina suas pesquisas, mas de maneiras diferentes. Para Husserl, a intenção intervém diretamente na busca por epistemologia crítica. O texto que ele escreveu em 1911, *La philosophie comme science rigoureuse*, confirma isso. Esse título não teria desagradado Blondel, mas ele preferiu um mais modesto: "*Le point de départ de la recherche philosophique*". Para Blondel, a "intenção" faz parte da busca por "uma crítica da vida e uma ciência da prática". O conhecimento científico também é uma prática, mas não é a prática mais decisiva do "sentido da vida".

Deste modo, a constituição da ontologia blondeliana, concreta e integral, passa por uma outra consideração dos fenômenos, ou seja, por uma fenomenologia que se coloca como propedêutica a uma ontologia, como caminho ascendente dos seres, em suas particularidades e heterogeneidades, ao encontro do Ser total, na busca de sua unidade e sustentação.

A principal obra de Blondel, *L'Action*, é escrita em uma perspectiva reflexiva e analítica, tendo em vista o fenômeno da ação e sua implicação direta na existência e sentido da vida humana. Tal abordagem se destaca ao fazer perceber de modo claro e intencional uma avaliação descritiva do fenômeno real da ação e da sua concretude. Há nesta obra um movimento de elaboração de uma filosofia da ação que funda suas raízes na dimensão fenomênica do real, buscando-se assegurar no plano da imanência e do real um realismo fenomenal, presente em todos os aspectos da existência e, com isso, possibilitar à razão interpelar os fins mais notáveis da atividade humana, além de sua forma de proceder.

Na descrição fenomênica da ação, Blondel não deixa escapar o tema das ciências positivas, enquanto correspondem à síntese de fatos positivos, trabalhando para ordenar os fenômenos através de procedimentos metodológicos que buscam a compreensão do fato em si, visando atenuar as limitações ou deficiências da sensação e da percepção que o homem tem no contato com o objeto. Neste contexto, a consideração das ciências positivas representa o primeiro passo para se repensar o todo da vida; porém, fixar-se apenas nas ciências positivas não resolveria o problema prático da vida humana e muito menos responderia, na sua totalidade, a todos os fenômenos que se dão nos desdobramentos da ação.

Assim, a ciência da ação, expressão típica do pensamento blondeliano, é o ponto de convergência dos fenômenos e de todos os aspectos da vida prática. Tal ciência traz para si a responsabilidade de condensar e moldar os efeitos da heterogeneidade das mais variadas ciências; também reúne todos os movimentos da vida. A ação² representa a síntese mais

² Segundo Pimentel (2022, p. 24), “A ação, obviamente, acontece nas mediações do mundo, da sociedade, da família, dos conhecimentos científicos, dos costumes de um *ethos* dado, nas referências a uma religião e assim por diante. Ela supõe subjetividade, intenção, reflexão e liberdade, enraizadas em universo material, vital e espiritual. E supõe a exteriorização, no encontro com o mundo e com os outros, desde a mais básica percepção até as interações mais elevadas, como o trabalho, a amizade, o amor etc. Ora, o que Blondel nos ensina é que a complexidade da realidade é toda sintetizada, em indedutível novidade, a cada ação”.

completa da existência, tudo para ela converge e dela tudo emana. A esse ponto, a análise fenomenológica de Blondel se direciona para a ciência da ação, que nada mais é que o esmiuçamento dos fenômenos na forma de uma fenomenologia prática ou da ação, pensada pelo filósofo como sendo tudo aquilo que é percebido e vivido pela razão e pelos sentidos (BLONDEL, 1973).

Na perspectiva do pensamento de Blondel, ao reconhecer-se como centro da engrenagem da ciência da ação, o ser humano compreende que não pode contentar-se apenas com o mundo fenomênico ou, em outras palavras, o fenômeno não é suficiente para a busca de sentidos do ser humano. A vida humana é continuamente confrontada com questões fundamentais que, na perspectiva de como Blondel pensa a existência humana, é provocada continuamente por novas perspectivas, que se direcionam para uma realidade que aponta para além do próprio fenômeno.

Sendo assim, ao prosseguir na jornada da existência, o ser humano se confronta com algo a mais, que impulsiona novas percepções para a vida da própria vida. Trata-se de momentos em que é necessário optar por seguir adiante na busca do sentido e destino da existência humana; ou, ao contrário, aprisionar-se no campo dos fenômenos, vindo a reconhecer que não há nada além dos fenômenos. Estes parecem estar sempre envoltos numa tensão entre o que se constata, manifesta-se e percebe-se; e a sensação de que sempre se poderia perceber e constatar mais. Ou seja, existe uma tensão contínua, infinita e intrínseca em cada fenômeno. Mesmo podendo apreendê-los, sempre falta algo neste processo de acesso aos fenômenos, de forma que nunca estamos totalmente seguros em relação a eles. Por isso, em determinados momentos da vida pessoal, é exigido ao ser humano uma atitude frente ao ciclo dos fenômenos, que seria uma opção positiva ou negativa pela vida da ação. Tal opção positiva diante da vida implicaria o fenômeno da metafísica, que conduziria o ser a uma abertura de horizontes e de perspectivas novas; já a opção pela negação do fenômeno da metafísica representaria o conformismo do ser humano em permanecer inerte diante do ciclo dos fenômenos. Seria, portanto, a constatação de que bastam por si só à vida humana, ou, que a vida se resumiria a tais fenômenos. Essa opção representaria uma indisposição a toda e qualquer possibilidade de

abertura ao transcendente; o que não resolveria a tensão entre fenômeno e a sua possibilidade, de maneira que essa dialética se faz presente em todas as ações e atitudes tomadas no transcurso da existência vivida.

O filósofo de Aix-en-Provence convoca-nos a observar a nossa própria vida e sua dinâmica, a sentir como ela exige relações, interações, desconstruções, enfim, trata-se de uma construção em que nada está finalizado ou definitivo. Por essas constatações, é natural que um tom de dramaticidade da existência perpassa toda a vida humana, provocando inquietações e sofrimentos no próprio ser humano enquanto se percebe limitado e finito, mesmo que aspire à infinitude.

Assim, ao reivindicar o sentido da fenomenologia, enquanto momento filosófico de visualização e significação dos fenômenos, entendemos que, nesta perspectiva, Blondel aponta para uma metafísica personalista ascensional que, a partir da experiência fenomênica do real, descobre a possibilidade de exercitar-se na via da finitude à infinitude³. É o ser humano que está no centro da problemática, pois ele age; e, ao agir, direciona-se a um fim total, tanto no que diz respeito às fontes materiais, quanto àquelas espirituais. Esse exercício de finitude e infinitude está presente em toda a obra blondeliana. E está implicada diretamente na formulação de uma ontologia existencial em vias de expansão, especialmente na relação entre Ser e seres⁴. Assim, os fenômenos carregam em si simultaneamente uma abertura para o sentido, assim como, enquanto fenômeno, manifestar-se, ou seja, ter sentido. É neste movimento que Blondel remete ao próprio pensamento uma abertura para a expansão dos seres com relação ao Ser.

³ Os conceitos de finitude e infinitude são inerentes ao tema da expansão do ser enquanto movimento dinâmico e aberto para se pensar uma metafísica personalista ascensional (ascendente). O termo infinitude representa uma visão unitária, o uno, evidenciando o percurso que se faz do particular para o universal, enquanto este último congrega em si as realidades multifacetadas dos seres particulares na infinitude do uno. Pensaremos a verdade dos seres como uma unidade infinita que se identifica com o conceito de princípio, de modo que o conceito de infinitude provoca a expansão do ser e, conseqüentemente, o qualifica dando-o sentido a si e as coisas.

⁴ Quando nos referirmos ao envolvimento entre seres e Ser, além de reconhecermos que os seres participam do Ser, essa relação é também uma relação de participação de sentido. Isso significa dizer que os seres participam da infinitude do Ser porque pensar a infinitude significa conceber o ser da finitude.

É importante ressaltar que o contexto histórico no qual Blondel desenvolve sua obra está marcado pelo pessimismo de Schopenhauer e pela ascensão das ciências positivas, que dominaram o campo da filosofia europeia, entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Esse período é marcado também pelas duas grandes guerras e uma forte onda nacionalista, que influenciaram a cultura europeia. As interrogações presentes na obra de Blondel, acerca do sentido da vida e o destino humano, foram fortemente afetadas pelo momento histórico.

A abertura aos fenômenos e a expansão do ser indicam a constituição dinâmica e constante e aberta à possibilidade de uma metafísica marcada pela expansão do ser, em constantemente expansão. Ou seja, é uma elaboração contínua e dinâmica, aberta ao infinito. Isto é, o ser nunca está acabado, finalizado, mas sempre em vias da composição de sentido.

Deste modo, articular as heranças da filosofia da ação e identificar características descritas pelo próprio Blondel traz, desde a publicação de sua primeira obra, uma narrativa interpretativa da concretude da vida e dos fenômenos percebidos acerca da vida e da ação. Tais fenômenos apelam para a possibilidade de ir além dos fenômenos, no sentido de que o ser humano se compreende, enquanto busca sentido para a vida, em uma relação entre finitude e infinitude, entre desejo de realização e a vida efetiva. Ao discutir os contornos de uma ciência da ação, que aborda diretamente o problema sobre o sentido e destino da vida humana, poderíamos pensar, por exemplo, em uma opção pessoal e intransferível, a partir da qual cada um responderá em determinado momento da vida, seja ela positiva ou negativa. Caso a resposta seja uma opção positiva, abre-se para o ser humano um horizonte de possibilidades que oportuniza a expansão do ser, no sentido de que este se reconhece no encaminhamento da esfera imanente para a transcendente, na relação entre seres e Ser, e, conseqüentemente, poderá ressignificar aspectos inerentes à existência e sua realização. E caso a resposta seja negativa, a pergunta pelos sentidos retorna ao âmbito imanente, reformulando sua busca do sentido.

Neste seguimento, Blondel nos convoca a pensar a realidade provocada pelos fenômenos e pelo questionamento dos mesmos, tendo em vista novas conclusões, novos questionamentos,

novas respostas, novas tensões e sempre inconclusivos. Por isso mesmo, a fenomenologia da ação abriria o caminho para que os próprios fenômenos, possam abrir-nos à metafísica. O tensionamento provocado pela relação com os fenômenos possibilita o acesso à metafísica. Por isso, trata-se de lidar com a questão prática dos sentidos, na ação, como uma ontologia da existência humana, enquanto expansão do ser.

Assim sendo, o tema da ontologia blondeliana aponta, de acordo com nossa maneira de enxergar a obra do filósofo, para uma ontologia prática na trama da relação entre finitude e infinitude. A expansão do ser se dá no processo de elaboração filosófica que inicia com a constatação de que tudo é fenômeno; e cada fenômeno, seja material ou espiritual, aponta para uma ontologia da ação, enquanto resultado de um movimento ascensional dos seres, uma vez que esses observam a cadeia real e concreta das coisas tais como se dão. Assim, ao avançamos da constatação dos processos fenomenológicos a uma metafísica personalista ascensional, podemos afirmar, a partir da relação com o real, a possibilidade de exercitar-se no caminho da finitude à infinitude. Tal movimento é considerado como essencialmente fenomenológico, pois é somente na relação com os sentidos manifestos nos eventos fenomênicos que podemos vislumbrar ir além dos mesmos, tendo em vista algo maior. Ou seja, todos os aspectos das expressões fenomênicas da vida humana são solidários entre si, tendo em vista a expansão do ser.

Em suma, a fenomenologia de Blondel, ao contrário de outras concepções fenomenológicas, é uma fenomenologia prática, ou seja, da ação; e por ela perpassa a ciência da ação; isto é, a metafísica, que aponta para a expansão do ser. A solidariedade entre fenômenos, que pode ser constatada entre os campos do saber, tem em vista a expansão do ser. Tal processo prático aponta para cada fenômeno e cada ser, por mais singular que seja, sem deixar de considerar a dimensão total e universal. Trata-se de um progresso constante e sem fim, ou seja, um percurso imanente direcionado ao infinito.

Não poderíamos ignorar que a filosofia blondeliana da ação encontra-se mergulhada no universo dos fenômenos. Quando se constata, a partir do mundo real, a dinamicidade dos fenômenos, encontramos aí uma abertura natural para a expansão do ser, como um percurso na direção do Ser.

Como a concepção filosófica blondeliana tem como ponto de partida o real e a sua concretude, o realismo aqui é pensado de forma não ingênua, que afirma a correspondência entre pensamento e pensado, entre sujeito e objeto, segundo o qual a verdade seria a adequação entre a coisa e o intelecto. Para a filosofia da ação, ao contrário, a verdade é a adequação entre a vida e o intelecto, ou seja, a adequação entre a experiência que o homem faz de si, suas experiências fenomênicas e o intelecto. Por isso, o realismo de Blondel é integral, já que parte da integralidade da experiência da vida humana, aberta à transcendência. Tal experiência envolve todos os fenômenos, quer sejam materiais ou espirituais; e cada experiência realizada é uma espécie de síntese deliberada pelos seres que se colocam no fio da fronteira entre o particular e o universal, entre finito e infinito.

Deste modo, o realismo integral visa “integrar concretamente todas as dimensões da existência humana e do mundo que nos circunda em uma síntese compreensiva que respeita os diversos aspectos do real” (LECLERC, 2000, p. 113). Ou seja, compreende-se os dados relevantes apresentados pela ciência e pelas outras áreas do saber humano, assim como a abertura espontânea do homem ao outro, e, em última instância, a uma transcendência que, de acordo com Blondel, está no centro da imanência. Nesta perspectiva, o realismo integral de Blondel apresenta também uma espécie de realismo crítico, no sentido de que não se pode contentar-se nem com o dogmatismo, nem com o ceticismo.

O realismo blondeliano conduz ao que ele chama de ‘método de implicação’ (BLONDEL, 1973). Ou seja, é necessário descobrir o que está universal e essencialmente implicado nos nossos atos, palavras e pensamentos; descobrir aquilo que se encontra escondido e implícito na ação, que pouco a pouco vai sendo explicitado, mas nunca elucidado totalmente em nossa consciência. Trata-se de um percurso fenomênico aberto, capaz de conduzir o ser humano a uma melhor compreensão acerca da ação e do que se encontra implicado nela. Em outras palavras, “na ação, é o sujeito que está completamente envolvido, desempenhando gradualmente seu destino. Em cada ato está implicado a universalidade do humano e, com ela, do todo que o sustenta e do fim que o aguarda” (ZANI, 2022, p. 13-14).

Entende-se, a partir de então, que a fenomenologia implicada em torno da filosofia da ação é o ponto de partida que explica os movimentos da vida a partir da realidade

vivida. Segundo Gilbert (2004, p. 15): “A fenomenologia não pode contentar-se com analisar somente as potências de nosso pensamento. Abrange nossas múltiplas atividades para nelas descobrir o laço que as organiza interiormente e nos orienta progressivamente para o seu princípio”.

Por conseguinte, deve-se pensar que “[...] toda ação se mantém no nível dos fenômenos” (BLONDEL, 1973); e é esse princípio que o projeto filosófico blondeliano quer explorar desde seu início. Contudo, segundo Blondel, “é necessário ver se realmente o fenômeno é suficiente para si mesmo, ou se, ao admiti-lo por si só, postulamos implicitamente algo diferente dele.” (BLONDEL 1973, p. 39). Em outros termos, destaca-se que existe uma insuficiência nos fenômenos, no sentido de que o sujeito não poderia se contentar com essa realidade; ou ainda, chegaria a um momento em que o ser humano se percebe aprisionado ao mundo dos fenômenos. E a metafísica traria algo a mais, ou seja, algo transcendente, que possibilitaria impulsionar a conhecer melhor os seres e sua relação com o Ser. Ou, colocar-se, na perspectiva dos seres, na questão da finitude e infinitude, no tocante à vida. Em decorrência disso, poder-se-ia pensar na expansão do ser como uma abertura de possibilidades e uma maior consciência sobre o todo da vida; e, por conseguinte, uma maior compreensão sobre o que isso traria de positivo ou negativo no percurso da existência.

Assim, é importante compreender o que significa uma ciência da ação em Blondel. Em um determinado momento da vida, o ser humano precisa optar por um passo adiante na busca de compreender o sentido e destino da vida; ou, pelo contrário, fecha-se diante da possibilidade de uma perspectiva notadamente metafísica. Esse aspecto vislumbrado faz o filósofo abrir um amplo debate com as tendências da época, entre elas, Schopenhauer e os niilistas, que se fecham à possibilidade do passo adiante em direção à expansão do ser por meio da perspectiva metafísica. Tais tendências filosóficas são consideradas por Blondel diletantes e pessimistas, à medida que abdicam do sentido como um todo. Para Blondel, pelo menos uma vez na vida, o ser humano se confronta com a pergunta sobre a possibilidade de algo mais, de um Ser que seja total e universal, na relação com o qual, os seres percebem sua finitude e sede de infinitude,

fazendo-os buscar agir sempre melhor, como uma forma de viver plenamente (BLONDEL, 1973).

Na obra *L'Action*, na sua segunda parte, Blondel destaca elementos próprios do debate crítico com as ciências positivas. Naquela época, entre o final do século XIX e início do século XX, as ciências positivas eram tomadas como detentoras da verdade segura e indubitável; com o ambiente filosófico cada vez mais submetido ao domínio das ciências positivas, a filosofia também passa a estar comprometida com a verdade científica, especialmente marcadas pelo seu caráter empírico.

Neste contexto, Blondel afirma a importância das ciências para a humanidade. Ao mesmo tempo, também deixava claro sua crítica ao modo como as ciências matemáticas e experimentais lidavam com a experiência, tomada na perspectiva da razão calculista, ou seja, na fecunda união entre cálculo e experiência. A consideração blondeliana sobre as ciências positivas também se assemelha ao modo como a fenomenologia de Husserl e, posteriormente, Merleau-Ponty, lidam com a ciência, mesmo que em outras perspectivas. No caso do Blondel, poderíamos nos questionar acerca da razão pela qual as ciências positivas são questionadas. A resposta é simples: porque também são fenômenos e, enquanto fenômenos perceptíveis, contribuem para a expansão do ser, especificamente a relação finito e infinito, físico e metafísico. Na perspectiva de Blondel, as ciências positivas respondem a uma parte de questões humanas, também comprometidas com a busca pela totalidade que o ser humano anseia.

A obra *L'Action* (1893) também é uma descrição dos principais aspectos experienciados pelo ser humano enquanto ser que existe e que busca compreender-se. Ou seja, é uma busca de um caminho de compreensão de uma percepção imanente da realidade circundante, diante do recorrente flagrante da afirmação da falta de sentido pregado por filosofias niilistas contemporâneas ao autor. Assim, partir de uma fenomenologia significa buscar um fundamento significativo para o sentido da vida e para a totalidade do mundo real. Esse é o primado da filosofia blondeliana. Predisposto a essa intenção, o filósofo também utiliza o termo fenômeno na terceira parte da *L'Action* (1893). Nessa perspectiva, Blondel conduz toda uma rigorosa análise acerca das condições de possibilidade da ação humana descrevendo exaustivamente a

imanência efetiva da vida humana. O filósofo, após detalhar os aspectos fenomenológicos que envolvem a condição humana e a realidade a sua volta, chega à conclusão que, para o ser humano, não é suficiente aceitar que tudo de fato se restrinja a fenômenos a serem descritos ou contemplados, assim como, a sua ordem não satisfaz plenamente o ser humano, que se encontra inquieto diante do mistério da vida. É necessário, após uma escolha individual, verificar o que possa estar para além dos fenômenos, ou seja, o transcendente que, inversamente, também marca os fenômenos em sua imanência. Inicia-se aí uma busca cada vez mais premente sobre a possibilidade de encontrar um sentido para a vida, ou uma fundamentação que lhe dê sustentação. Nesta perspectiva, a fenomenologia enquanto método parece ser adequada a tal empreitada filosófica, pois mantém em questão a abertura de sentido das coisas; e, em última instância, ao sentido do Ser total.

É tarefa de Blondel elaborar um percurso que parta da observação da condição humana e seus componentes imprescindíveis. Blondel observa que a ação é o elemento central para o qual todos os mais variados aspectos da vida convergem; ela sintetiza em si a própria vida humana. A partir daí, inicia-se todo um esforço filosófico de interpelar o sentido da vida e seu destino. Percorre-se um caminho que parte da observação dos fenômenos acerca da existência humana, se descrevendo etapa após etapa a forma como esses mesmos fenômenos se apresentam para o ser humano. Em determinados momentos da história de cada indivíduo humano, percebe-se que é impossível fugir da realidade dos fenômenos. A sensação de aprisionamento, movidos pela pergunta existencial acerca do sentido da vida, requer uma opção entre a conformação com a realidade dos fenômenos e a certeza de que nada existe fora deles; ou ainda a opção por verificar realmente se é possível a existência de algo para além deles.

Neste ponto, há uma tensão em cada fenômeno. Pensar o sentido da tensão presente nos fenômenos é acreditar na possibilidade do sentido fenomenológico, ou seja, em uma realidade nova no próprio fenômeno, que não se limita a ele mesmo. Em outras palavras, é buscar algo para além dos fenômenos sem ignorar a importância e efetividade dos mesmos. O que nasce da

tensão entre o que se experiencia dos fenômenos, enquanto vida vivida, e a certeza de que eles não nos satisfazem totalmente, é algo que se mostra como possibilidade.

O percurso fenomenológico pretende afirmar a consciência da existência, efetividade e importância dos fenômenos, a partir da percepção de que os mesmos não bastam, por sua natureza contingente. Assim, busca-se compreender no próprio âmbito dos fenômenos a existência de um *aliquid*, entendido aqui como o significado próprio da fenomenologia da ação. Ou seja, a abertura para a possibilidade concreta e imanente de que em cada fenômeno remete para além de si mesmo, no sentido de um horizonte transcendente de possibilidades sempre novas, para a expansão do ser.

A fenomenologia da ação, portanto, está em jogo em cada fenômeno como algo que resume a tensão que atravessa os próprios fenômenos em sua imanência. Isto é, a tensão entre contentar-se com os fenômenos experienciados e a abertura para além destes, para um sentido maior que surge entre a finitude e a infinitude. É aqui visualizado um âmbito de pensamento para além do próprio fenômeno, que traz como consequência mais imediata a possibilidade da abertura da vida para um possível fundamento ontológico.

A expansão do ser aconteceria como um resultado do processo de relação com os fenômenos, ou seja, da disposição que os seres teriam para expandir-se em direção ao Ser, como sua causa primeira. Dessa forma, há no ser humano um protagonismo e ao mesmo tempo uma abertura original para as coisas em geral, característica que lhe é peculiar. Por isso, é necessário tematizar a existência como um todo na perspectiva de um movimento fenomenológico ascendente.

À sombra da tensão entre fenômeno e expansão do ser vistos sob a ótica da fenomenologia da ação, inclui uma inadequação descrita na *L'Action* (1893) entre vontade querente e vontade querida, ou seja, o desejo de infinito dentro do exercício de finitude. A partir do caráter fenomenológico do pensamento de Blondel, poderíamos colocar a seguinte questão: Por que Blondel não considerou a obra *L'Action* (1893) um tratado de fenomenologia, uma vez que sua filosofia se compreende como uma análise rigorosa sobre o fenômeno da ação? Ou ainda, como a metafísica se insere na fenomenologia e na ciência da ação?

Os questionamentos podem nos fazer vislumbrar o todo da vida e, em última instância, a expansão do ser. As relações entre Ser e seres⁵ são entendidas como reflexo de uma ontologia prática, concreta, integral e viva, tendo em vista uma maior compreensão acerca da existência humana. Tal caminho será possível ao refazermos criteriosamente a visão fenomenológica descrita em torno da ação, ancorada na dialética da vontade. Esta nos coloca no percurso de um horizonte e de um desejo infinito que nos força a ir adiante nas escolhas, “com a necessidade de não retroceder, mas de avançar sempre mais” (BLONDEL, 1973, p. 336). A partir da vontade, adentrarmos na ciência da ação e na metafísica. Tal empreitada possibilitaria a compreensão de sentido enquanto expansão do ser, como abertura ao transcendente e, por conseguinte, a busca de uma cadeia lógica entre o concreto e o real e a Causa primeira.

Ao nos referimos à transcendência, em um caminho fenomenológico, consideramos também o fato de que também se faz presente imprescindivelmente na transcendência a questão da linguagem⁶. Dito de outro modo, tanto a linguagem quanto a experiência humana possuem em seus horizontes a transcendência, tomada na perspectiva da busca de sentido. Nesta perspectiva, como afirma Létourneau⁷ (1998, p.73), “a teoria de Blondel supõe que a linguagem é vida e reprodução; [...]. Sua teoria da interpretação é, portanto, baseada na vida dos sinais e das obras, a partir de uma linguagem viva”. Portanto, a linguagem é pensada como “a força geradora e criativa de sempre de novo conferir fluidez a esse todo” (GADAMER, 2017,

⁵ O Ser e os seres é tema de outra obra de Blondel intitulada: *L'Être et les Êtres* (2020). Nos diz o filósofo: por mais que a fenomenologia multiplique ou suavize sua cadeia de abstrações, ela nunca conseguirá captar o secreto, falamos não somente dos seres, mas também dos mesmos fenômenos, considerados sob seu aspecto mais positivo e nas suas conexões mais estreitas.

⁶ Como ensina Gadamer (2017, p. 242), “a linguagem é, na verdade, a única palavra cuja virtualidade nos abre a possibilidade de seguir falando e conversando infinitamente, que nos oferece a liberdade do dizer a si mesmo e deixar-se dizer”. Segundo nossas expectativas, o tema da linguagem não poderá ficar ausente na discussão sobre o tema trabalhado por entendermos que ao pensarmos uma metafísica personalista ascensional se fará obrigatório abordarmos a questão da linguagem, principalmente quando existe uma tensão entre o ato de falar e o ato de pensar.

⁷ Alain Létourneau (1998) escreveu uma tese intitulada *L'herméneutique de Maurice Blondel* na qual defende que Maurice Blondel, na linha de Schleiermacher e Ast, Heidegger e Gadamer, deveria fazer parte do conjunto de pensadores hermenêuticos. Nesse texto, o autor destaca algumas obras do filósofo da ação e apresenta a contribuição específica da filosofia blondeliana para a teoria hermenêutica, inclusive comparando aspectos da hermenêutica de Gadamer com aquela de Blondel, ressaltando que seria uma injustiça, por exemplo, se exigir de Blondel, uma consciência hermenêutica como aquela de Gadamer e Ricoeur.

p. 242). Ao tomarmos, na perspectiva do pensamento de Blondel, a busca de sentido pela fenomenologia, desembocamos na questão da linguagem. É ela a expressão da experiência que fazemos do todo da vida, especialmente quando refletimos sobre o sentido e destino da vida humana, tendo em vista a relação final entre finitude e infinitude.

Assim, a expansão do ser – em uma perspectiva fenomenológico-linguística – seria decorrente do percurso que se faria no fenômeno da ação. O processo que se dá da intuição sensível à ciência subjetiva; a consciência e a operação da vontade; o crescimento orgânico da ação querida; a ação do corpo e a psicologia do organismo; da ação individual à ação social; e a união fecunda das vontades e a extensão universal da ação, tudo isso considerado na perspectiva do ser necessário da ação (BLONDEL, 1973).

Tal empreitada coloca-nos nos moldes de uma metafísica personalista, integral e concreta, que aponta para um acréscimo na percepção que o ser humano enquanto ser tem de si, na vida e no mundo, provocando um compromisso maior no campo das decisões práticas. O caminho percorrido nos faz pensar uma ontologia prática e existencial, de cunho fenomenológico-linguístico, oriundo de uma percepção dialético-prática entre finitude e infinitude. Tal ontologia coloca-se em um movimento ascendente dos seres, possibilitando-nos passarmos de uma fenomenologia a uma hermenêutica da ação, compreendida por nós como sendo um caminho de compreensão de cada fenômeno, subjetivo e aberto, tendo em vista uma dialética entre realismo material e espiritual, como abertura ao transcendente.

Dar conta dos sentidos das coisas que nos cercam como uma forma de viver na expectativa da transcendência à qual os fenômenos nos remetem, não é para o ser humano algo que se considera sem questionamento. Porque, por um lado, não se pode negá-los, e, por outro, não é possível manter-se neles, sem pelo menos procurar algo que os ultrapasse. Trata-se de uma dialética que remete a uma busca de sentido, que, por conseguinte, remete a uma fundamentação metafísica que podemos encontrar em uma ciência da ação.

Assim, o fenômeno conduz a uma ciência da ação que, por conseguinte, remete à expansão do ser enquanto hermenêutica fenomenológica da ação. A ciência da ação é completa e integral, no sentido que toda forma de viver e toda forma de pensamento não é nada mais que

o modo segundo o qual o sujeito se exprime na sua forma de ser. Essas formas de ação não deixam de ser uma resposta ou uma solução ao problema da existência, ainda que apontem para a infinitude.

A expansão do ser como hermenêutica da ciência da ação possibilita-nos compreender a metafísica de Blondel como um modo de lidar com a questão do sentido. Os fenômenos não são capazes de responder de forma definitiva ao sentido em geral. Mas também não estamos repensando a metafísica como abstrata ou *nocional*, mas como um pensamento vivo, concreto e integral, interessado na natureza das coisas. A causa das coisas seria essencialmente metafísica, não das causas finais, como era afirmado na escolástica, mas como uma metafísica pautada na causa primeira. A partir desses desdobramentos da metafísica de Blondel, poderíamos repensar a questão do sentido levando em conta a relevância dos fenômenos, à medida que se trata de uma ontologia itinerante, em desenvolvimento, *perene*, na qual todas as partes da realidade são solidárias à ação. Tais realidades não podem ser compreendidas isoladamente, pois interagem entre si formando um todo.

Referências

BLONDEL, Maurice. *L'Action: Essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique*. Paris: PUF, 1973.

BLONDEL, Maurice. *L'Être et les Êtres*. Paris: Alicia Editions, 2020.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I e II*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GILBERT, Paul. *A simplicidade do princípio*. Prolegômenos à metafísica. São Paulo: Loyola, 2004.

GILBERT, Paul. "Husserl et Blondel: intentionalité phénoménologique et sens de la vie". *Pensando*, v. 13 n. 30, 2022, p. 61-75.

Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/4029/3483>

LECLERC, Marc. *Il destino umano nella luce di Blondel*. Assisi: Cittadella, 2000.

LÉTOURNEAU, Alain. *L'hérnéutique de Maurice Blondel*. Québec: Berllarmin, 1998.

PIMENTEL, Álvaro. "Existe uma lógica da ação humana?". *Pensando*, v. 13 n. 30, 2022, p. 21-33.

Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/4025/3480>

ZANI, Mario. "Maurice Blondel e la proposta di una filosofia dallo sguardo concreto e dall'aspirazione integrale". *Pensando*, v. 13 n. 30, 2022, p. 3-20.

Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/4024/3479>

PERSPECTIVAS | VOL. 8, Nº 3, 2023, P. 124-139
A fenomenologia como questão em Maurice Blondel
DOI: 10.20873/rpv8n3-91

Recebido em: 11-08-2023

Aprovado em: 15-10-2023

Sobre os autores

Emerson Araújo de Medeiros

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí.

Gustavo Silvano Batista

Doutor em Filosofia (PUC-RJ) e Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFPI. Professor permanente do PPGFIL/UFPI.